da economia e sociedade antigas não pode, portanto, restringir-se aos parâmetros estabelecidos pelos antigos, mas deve abranger os instrumentos analíticos derivados do marxismo.

O capítulo 3, sobre a ideologia e a literatura no Egito antigo, analisando o conto de Sanehet, constitui outro destaque metodológico. O autor propõe a junção da sociologia genética da literatura de Lucien Goldmann, tributária direta de G. Lukács e do marxismo, ao estruturalismo lingüístico de T. Todorov, permitindo um estudo estilístico, sintático e temático do documento. A ideologia do grupo dominante egípcio no conto de Sanehet encontra-se esmiuçada graças ao estudo semiótico do texto e as duas metodologias, aparentemente contraditórias, tornam-se articuladas e complementares. O estudo detalhado do conto é muito convincente e de leitura agradável e prazerosa.

Cabe fazer duas observações genéricas sobre o livro. Em primeiro lugar, a importância atribuída pelo autor ao estudo empírico dos documentos, notável no conto de Sanehet, encontra-se diminuída pela pouca atenção prestada ao estudo dos textos originais, em alguns momentos, como quando se utiliza de uma tradução popular inglesa de Tito Lívio (p. 211, nota 9). Em segundo lugar, a ênfase do autor nos "avanços" historiográficos pode ser uma faca de dois gumes. Assim, diversas vezes o autor afirma que '"no passado" interpretava-se de tal maneira, "hoje" esta bibliografia já está "superada" (e.g. pp. 74, 75, 201). Ora, as novidades e os modismos, diversas vezes criticados por Ciro Cardoso, são recentes, enquanto Marx e Engels, referências básicas do autor, são do século passado! Não parece, portanto, totalmente consistente a ênfase nas "últimas pesquisas" já que estas, como reconhece o autor, dividem-se, inevitavelmente, em diferentes abordagens, boa parte delas confrontadas, de forma explícita, por Ciro Cardoso.

Estas observações não obscurecem, entretanto, a relevância da obra e sua contribuição ao debate no interior da historiografia marxista. Sua leitura crítica e o debate em torno a seus postulados apenas poderá resultar em benefício para os estudiosos da teoria marxista e da Antigüidade.

JORGE NÓVOA (org.)

A história à deriva: Um balanço de fim de século, Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1993, 311 pp. *Cláudio Batalha* (Professor do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas)

Por trás deste título, pouco esclarecedor, está uma coletânea de textos que propõe um balanço deste fim de século a partir do colapso dos regimes socialistas do Leste europeu, das transformações do capitalismo e das perspectivas da esquerda socialista. Os vários artigos que compõem a coletânea são escritos por estudiosos, intelectuais e/ou militantes brasileiros e estrangeiros, situados em sua grande maioria no campo da esquerda. E pelo menos parte dos artigos tem origem no I Seminário Baiano sobre a Crise do Leste Europeu, realizado em dezembro de 1990 – ainda no calor dos acontecimentos - na Universidade Federal da Bahia. Entre os méritos deste livro, destaca-se o esforço de uma reflexão crítica sobre as transformações operadas nestes últimos anos, mérito que cabe aos organizadores daquele seminário e, particularmente, ao organizador deste livro, Jorge Nóvoa.

Divididos em quatro partes, por temas, esses artigos são bastante desiguais, o que de certo modo é inevitável nesse tipo de coletânea. A primeira dessas partes, "A Significação do Presente", reúne os artigos que tratam do que poderíamos chamar de o "movimento da história". Fréderic

Mauro, por exemplo, busca uma explicação para as mudanças ocorridas nesse final de século e um método de previsão recorrendo à teoria dos ciclos de Kondratieff, que talvez tenha ainda algum valor para explicar as conjunturas econômicas, mas dificilmente pode ajudar a entender as dimensões políticas e ideológicas. Ao contrário de Mauro, que busca as "leis da história", o sociólogo marxista francês Pierre Fougeyrollas discute o tempo histórico das revoluções e a existência de diversas temporalidades (identidades) sociais que ora se entrecruzam, ora se superpõem, e aponta para o caráter reversível de todos os fenômenos sociais, fugindo da crença na irreversibilidade e na teleologia que muitas vezes domina, não só os defensores do neoliberalismo, como parcelas da esquerda socialista. Jorge Nóvoa fecha a primeira parte do livro com um artigo que busca dar uma visão de conjunto das questões que permeiam as diversas contribuições dessa coletânea: o mascaramento da verdadeira face da modernidade capitalista, a crítica à idéia de Fukuyama da universalização irreversível da democracia liberal, a chamada nova ordem internacional, o caráter parasitário do capitalismo e a particularidade do momento histórico em que vivemos.

A poeira da queda do muro de Berlim ainda não baixou e talvez demore ainda alguns anos para que isso ocorra e possamos ter uma visão clara não só do processo que levou a essa queda, mas também da herança que deixou. Nesse sentido, os artigos que compõem a segunda parte do livro, "Gênese e crise das burocracias do Leste europeu", oferecem pistas mais ou menos proveitosas para o entendimento desse fenômeno (os *apparatchiks,* o stalinismo russo, a economia soviética, a *perestroika,* a questão nacional etc.). Entretanto, estão mais voltados para a ex-União Soviética do que para o conjunto dos países do ex-campo socialista no Leste europeu e falta-lhes sobretudo uma visão menos particular e mais global do processo de crise nesses países. Além disso, o que de resto é inevitável, alguns artigos são datados e os acontecimentos posteriores se encarregaram de desmentir as previsões que então foram feitas.

Negar às experiências que fracassaram no Leste europeu e nas repúblicas da ex-União Soviética qualquer caráter socialista é uma solução cômoda e que não ajuda a entender as razões desse fracasso, como bem sugere Jacob Gorender, no início do seu artigo que trata na verdade do liberalismo e do capitalismo e abre a terceira parte do livro, "Capitalismo, neoliberalismo e crise mundial". Gorender que vê nessa atitude os vícios da simplificação e do reducionismo, levanta um problema presente em vários dos artigos que compõem a coletânea. Markus Sokol, por exemplo, inclui no seu artigo a frase lapidar: "A sociedade emergida na URSS e depois estendida para o Leste europeu e alguns outros países não é mais que um acidente de percurso". Parece-me, entretanto, que tratar o socialismo como alguma utopia quimérica (que só seria realizável em escala mundial) e desconsiderar todas as experiências históricas que buscaram implantá-lo, não só parece pouco coerente em um livro que pretende ter na história uma referência central (a começar pelo título), mas também significa adotar uma postura política e teórica de avestruz. Pois ao dizerem "nada daquilo tudo era o socialismo", não hesitam em ir além afirmando que nada daquilo teve a menor importância, foi um "mero acidente de percurso". Na prática essa postura permite abrir mão de qualquer necessidade de análise séria sobre a história contemporânea - com óbvias implicações políticas - ou, ainda, abre espaço para leituras religiosas dos textos clássicos, como faz Osvaldo Coggiola ao pretender que Trotski tudo previra.

A última parte do livro, "A crise do movimento socialista: o marxismo e a esquerda em questão", é particularmente decepcionante. Seria de se esperar que nessa parte fosse suscitada a discussão sobre o papel da esquerda socialista no mundo atual ou, pelo menos, no Brasil. Em vez disso, temos artigos que em sua maioria preferem louvar as virtudes do trotskismo. Os autores parecem crer que o caminho a ser seguido é a recuperação de alguma forma de bolchevismo de

1917. Contrariamente ao que sugere o título dessa parte, para essa maioria a única crise é a dos regimes burocráticos que ruíram e daqueles que ainda acreditavam nesses regimes,
não há uma crise geral da esquerda ou um recuo do marxismo.

Nessa mesma parte, aparece tratada de forma superficial a questão partidária, como aliás já advertira Pierre Broué no "prefácio" da coletânea, apesar de esta ser uma questão fundamental para a esquerda. Antonio Câmara em seu artigo reconhece que o Partido dos Trabalhadores (PT) nunca se definiu como partido revolucionário, mas parece cobrar deste partido um caráter revolucionário. Em mais de um artigo, a política de alianças do PT, a exclusão da Causa Operária e da Convergência Socialista, a participação no jogo político-parlamentar e a aceitação das regras desse jogo tomam-se motivo de acusação ao PT e são vistos como sintomas de sua deriva à direita. Diante da crítica de que o PT teria ficado a reboque da burguesia no processo de *impeachment* de Collor e teria garantido a posse de seu vice, Itamar Franco, o leitor perplexo provavelmente se perguntará: Qual seria a alternativa? A tomada de assalto do Palácio do Planalto? O fato de que o PT não só não se proclama um partido revolucionário, mas tampouco se estrutura como partido revolucionário, não parece ser relevante para alguns dos articulistas.

Talvez isso tudo seja mais revelador do que se possa supor à primeira vista: revela a incapacidade de uma parcela considerável da esquerda marxista de fornecer respostas para as questões da atualidade.

BATALHA, Cláudio. Resenha de: NÓVOA, Jorge (org.). A história à deriva: um balanço de fim de século. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1993, 311p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Brasiliense, v.1, n.2, 1995, p.172-174.

Palavras-chave: Regimes socialistas; Leste Europeu; Transformações do Capitalismo.